

MODOS DE OLHAR A SI E AOS OUTROS: AS VOZES SUBALTERNAS EM CLARICE LISPECTOR

WAYS OF LOOKING AT YOU AND OTHERS: THE SUBALTERN VOICES IN CLARICE LISPECTOR

Airton Souza de Oliveira¹

Mestre em Letras

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

(souzamaraba@gmail.com)

Para Macabéa², Mineirinho³ e todas as vozes historicamente subalternizadas

RESUMO: Neste artigo, visamos apresentar uma leitura crítica a respeito da presença de vozes subalternas na escritura de Clarice Lispector, partindo principalmente da leitura analítica do romance 'A hora da Estrela' e do conto 'Mineirinho'. Nesse sentido, utilizam-se as abordagens críticas ligadas aos estudos culturais, sobretudo os centrados nas relações identitárias, com conceitos de Hall, Spivak entre outros importantes pensadores/as. As análises demonstram como que apesar de **escrever com o corpo**, Clarice Lispector faz de sua escritura o limiar capaz de atravessar outros corpos. Assim, percebe-se que o modo introspectivo de olhar a si está, sobretudo, atravessado pela maneira de olhar o outro, marcando sempre as diferenças, as relações de poder e identitárias. É a partir de então, que visivelmente a escritora faz reverberar dentro de sua escritura vozes que foram historicamente subalternizadas.

Palavras-chave: Literaturas. Clarice Lispector. O eu e o outro. Vozes subalternidades.

ABSTRACT: In this article, we aim to present a critical reading regarding the presence of subordinate voices in the writing of Clarice Lispector, starting mainly from the analytical reading of the novel 'A hora da Estrela' and the short story 'Mineirinho'. In this sense, critical approaches linked to cultural studies are used, especially those centered on identity relations, with concepts by Hall, Spivak and other important thinkers. The analyzes shows that, despite writing with the body, Clarice Lispector makes her writing the threshold capable of crossing other bodies. Thus, it is clear that the introspective way of looking at oneself is, above all, crossed by the way of looking at others, always marking differences, power and identity relationships. It is from then on that the writer visibly reverberates voices within her writing that have been historically subordinated.

Keywords: Literatures. Clarice Lispector. The me and the other. Subaltern voices.

Introdução

Clarice Lispector (1920 - 1977) é considerada a maior escritora Judia do mundo, mas naturalizou-se brasileira, e autodeclarava-se pernambucana, além do mais, é imprescindível afirmar que sua obra é parte do cânone das literaturas

¹ ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9024-0715>.

² Personagem do romance **A hora da estrela**, de Clarice Lispector.

³ Personagem do conto **Mineirinho**, de Clarice Lispector.

brasileiras. A escritora escreveu inúmeros romances, contos, crônicas, literaturas infantis, juvenis e também importantes ensaios. Clarice é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Além disso, foi jornalista, e sua estreia na literatura se deu com o lançamento do romance ‘Perto do coração selvagem’, publicado originalmente em dezembro de 1943. Em homenagem ao seu centenário esse texto crítico visa apresentar um dos diversos aspectos de leituras imbricadas na vasta obra clariciana, que são as questões a respeito das vozes subalternas. Partindo diretamente das relações temporais e espaciais, visa-se apresentar alguns personagens historicamente subalternizados aos quais, Clarice Lispector, deu-lhes vida, voz e visibilidades. Mantendo nesses personagens as inflexões intimistas e as demarcações corporais, capazes de lhes atribuir de imediato à consciência de existir.

Nesse caso, para aprofundar sua visão humanística, e ao mesmo tempo humanitária Clarice Lispector trouxe para dentro de sua escritura a amplificação de visões inteiramente centradas no existencialismo humano, principalmente quando ela percebeu que as imagens ou palavras mais banais podem conter os sentidos mais profundos da própria vida, e manter com isso uma relação para além do caos. Escritura marcada pelas sentimentalidades e as refrações das diferenças.

Contudo, vale destacar que grande parte das formas de expressões utilizadas por Clarice Lispector estão demarcadas pela presença de metáforas insólitas, ou como bem definiu o crítico e filósofo Benedito Nunes, ao afirmar que Clarice Lispector insere em suas temáticas o “contexto da filosofia da existência” (NUNES, 2009, p. 93), por isso mesmo mais adiante o crítico afirmará que as obras claricianas possuem caráter “pré-reflexivo, individual e dramático da existência humana” (NUNES, 2009, p. 93). Dessa forma, podemos afirmar que a escritura de Clarice Lispector não apresenta certas linearidades, nem na linguagem em si, nem nas representações simbólicas do mundo, das coisas e dos seres, e que isso contribui, conforme veremos, para delinear um processo de desconstrução em torno de alguns silenciamentos históricos. Isso acontece exatamente quando a escritora atribui voz a personagens que historicamente foram silenciados e marginalizados, principalmente dentro da construção de um projeto de dominação colonial que perdura até hoje no Brasil.

É como se Clarice Lispector estivesse sempre fazendo com que sua escritura seja capaz de partir de certos lugares caóticos, manifestado principalmente pelos corpos de seus personagens. No entanto, é preciso enfatizar que esses lugares reverberam na escritora, e ela nunca deixará de ter os “dois pés endurecidos no chão e um coração que de tão vazio parecia morrer de sede” (LISPECTOR, 1999, p. 20). Vale destacar que a sede aqui é a metáfora perfeita para todas as inquietudes que configuram e reconfiguram a posição de interpretação da realidade proposto pelas ficções claricianas. Assim, ela recria outras possibilidades de concepções de mundos, por meio de uma linguagem única, porque segundo ela mesma: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever” (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Levando em consideração os aspectos do eu e do outro, representados em diversos livros de Clarice Lispector, esse artigo traz apontamentos críticos a respeito das vozes que historicamente foram subalternizadas. Aqui o processo desconstrutivo da representação das subalternidades estar na presença de personagens tidos como marginalizados, mas que Clarice lhes dar voz. Conforme veremos, tanto Macabéa quanto Mineirinho falam. Suas intersubjetividades contribuem também para delinear intersecções comuns entre ambos, conforme veremos, ao mesmo tempo em que esses dois personagens ampliam os processos de interrogações de maneira tênue ao que foi considerado como o processo de formação e conformação do sujeito indivisível.

O processo histórico e as relações poder na elaboração das subalternidades

Para compreendemos o que seriam as vozes subalternas presentes nas obras de Clarice Lispector é necessário entender o que são os subalternos. Grosso modo, as relações históricas em torno dos processos de subalternidades estão intimamente ligadas aos artifícios centrados no processo de colonização, e que ao longo do tempo foram sendo assimilados e colocados em práticas como procedimentos sociais, culturais, histórico e político, resultando em silenciamentos e até mesmo em milhares de mortes. Esses processos, que nas Américas tiveram início com as chamadas **grandes navegações europeias**, no início do século XVI, foram aos poucos sendo desautorizados e denunciados, principalmente pelas literaturas. Os aspectos mais importantes nessa relação estar ligado a duas questões centrais, que são elas: o

reconhecimento e respeito das subjetividades, as compreendendo que são sempre plurais e maleáveis. E a segunda questão é o processo de desconstrução crítica da compreensão binária do mundo, que reelaborou os valores sem levar em consideração as subjetividades. As ênfases críticas a essas duas questões contribuirão para romper as relações mais desiguais de poder e dominação. Pois, Gayatri Spivak afirmar que “deve-se não obstante, insistir que o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo” (SPIVAK, 2010, p. 73). Nesse caso, a escritura de Clarice Lispector além de dar visibilidades aos/as seus/suas personagens, faz com que eles/elas assumam suas próprias subjetividades heterogêneas, e possuem em si e nos outros, vários lugares nas histórias. Lugares esses sempre marcados pelas diferenças, marcadas, principalmente pelas relações de poder.

No contexto geral o que se apreender de imediato, ao percebermos a presença de personagens subalternos nas obras de Clarice Lispector, é que os narradores, tanto em primeira pessoa quanto terceira pessoa, ou mesmo onisciente, traz à tona a reverberação de processos plurais ligados diretamente à compreensão dos seres humanos. Estes processos estão consolidados pelo que nós podemos chamar de **eu** e o **outro**, demarcando assim a diferença. Conceito esse caro ao processo de desconstrução crítica, face ao projeto de dominação iniciado, conforme vimos, pelas colonizações nas Américas. Nesse caso, a escritora Clarice Lispector parece conceber o mundo a partir de visões díspares imbricadas nos seus personagens. É como se ela estivesse sempre partindo do **mundo inteiro como lugar estranho**⁴ e, com isso contribuído para desestabilizar alguns dos processos homogeneizadores nas construções identitárias e culturais, conforme veremos ao analisar dois personagens, que são eles: o Mineirinho, do conto intitulado com esse mesmo nome, e Macabéa, personagem central do romance ‘A hora da estrela’.

Vale ressaltar que em grande parte da obra de Clarice Lispector as personagens centrais são mulheres. Nesse caso, especificamente ao centrarmos uma reflexão crítica a respeito de questões inerentes às vozes subalternas, é imprescindível destacar que as mulheres foram as mais prejudicadas nas relações

⁴ **O mundo inteiro como lugar estranho** é o título de uma obra do crítico argentino Néstor García Canclini, e que foi publicado no Brasil pela Editora da Universidade de São Paulo, em 2016.

históricas de poder, de silenciamentos, de apagamentos e na pressuposição de oprimi-las. Tudo isso dentro dos paradigmas da tradição falocêntrica, aonde o masculino se impôs como dominante, tornando assim as mulheres em sujeitos subalternizados e fazendo de suas experiências subjetivas lugares apenas de silêncios, por meio de várias maneiras de violências. É o que Spivak também denomina de **Violência Epistêmica**. Dessa forma, a própria Gayatri Spivak ressalta que: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85). Essa violência foi, sobretudo, política. Mas, uma das premissas para compreendermos a abertura crítica e de desconstrução que Clarice Lispector faz com a sua escritura está no próprio romance ‘A hora da estrela’, quando ela escreve: “A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique” (LISPECTOR, 1998, p. 11). Assim, a escritora instaura os incômodos que somente as subjetividades e diferenças são capazes de estabelecer com a vida e o mundo, maiormente dentro das implicações e relações de poder.

Contudo, quando Clarice Lispector amplia a possibilidade dentro de sua literatura das mulheres sair do silêncio, a escritora contribui para romper e, ao mesmo tempo questionar as estruturas de poder, principalmente, porque dá voz a uma das categorias, entre tantas outras, mais subalternizadas. É a própria Clarice quem nos dar a chave para que junto a sua escritura possamos **transver o mundo**, como assinalou o poeta Manoel de Barros, vejamos o que ela diz: “O definível está me cansando um pouco. Prefiro a verdade que há no prenúncio” (LISPECTOR, 1998, p. 30). Há nessa sentença pelo menos duas questões importantes sobre a crítica à elaboração da tradição falocêntrica no mundo. Essa tradição, centrada no pensamento ocidental, visou e ainda busca definir a compreensão das subjetividades, não como heterogêneas e marcadas pelas diferenças, mas como homogêneas, para assim manter uma espécie de poder patriarcal e dicotômico. É justamente nessa relação que reside o perigo, entretanto percebermos que Clarice Lispector desconstrói e critica o definível, ao expor simbólica e significativamente a problemática do corpo cansando, mas não derrotado. A outra questão está ligada a noção de verdade. O jogo em torno do conceito de verdade é justamente manter a aparência de essência

e também de unidade. A verdade como procedimento cristalizado e de comportamento estático. Isso no faz lembrar o que escreveu Canclini ao enfatizar que:

É incômodo aceitar que aquilo que acreditávamos saber já não tem capacidade explicativa. Se quase tudo se tornou versátil, flexível, é preciso se incumbir de incertezas. E nos aferramos a noções de sociedade, etnia, nação ou classe, que em outras temporadas serviram para encontrar ordem nos comportamentos. Ou para impô-los (CANCLINI, 2016, p. 18).

Quando Clarice Lispector, mesmo que às vezes de maneira introspectiva, faz com que dentro de sua escritura os personagens que foram historicamente marginalizados, silenciados e enquadrados a partir de valores binários, possam falar, o incômodo a que alude Canclini, é parte do processo que coloca em evidência uma espécie de crítica sobre a verdade absoluta do **eu** e do **outro**, ao mesmo tempo em que esgarçar as invisibilidades.

Macabéa e a rupturas da subalterna que fala

Dentro da obra de Clarice é possível encontrarmos inúmeros exemplos de personagens que foram historicamente subalternizados, seja pelo processo de colonização ou por outros métodos de dominação e formas de manutenção e validação do poder. Só que contra essa relação o que Clarice faz é romper com certas arbitrariedades históricas, políticas, culturais, sociais e identitárias, em prol da valorização e reconhecimento da concepção da diferença, da heterogeneidade, das identidades/identificações e também das subjetividades. Ao mesmo tempo a escritora intensifica as significações culturais, potencializadas pelas intersecções identitárias e rarefeitas de mobilidades e de incompletudes dos seres. Essas intersecções são vivenciadas cotidianamente pelos seus personagens, mostrando-nos quão heterogêneas são as subjetividades, colocando em jogo o que Spivak (2010), caracteriza como uma espécie de produção ideológica contra-hegemônica, que é capaz de revelar outras experiências concretas em torno dos sujeitos.

Nesse artigo veremos dois exemplos de personagens em que Clarice Lispector nos possibilita entender o que o pensador Benjamin Abdala Junior denominou de “reivindicar o estatuto da diversidade” (ABDALA JUNIOR, 2002, p. 25), que é a descentralização de uma espécie falaciosa de hegemonia. Aqui nós podemos

denominar isso de marcação das diferenças, que estão sempre imbricadas pelas tensões e retecendo outras linhas de forças. E, Clarice parece saber bem disso, especialmente quando afirma que:

Toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão. Todo momento de achar é um perder-se a si próprio. Talvez me tenha acontecido uma compreensão tão total quanto uma ignorância, e dela eu venha a sair intocada e inocente como antes. Qualquer entender meu nunca estará à altura dessa compreensão, pois viver é somente a altura a que posso chegar (LISPECTOR, 1998, p. 16).

Reelaboram-se assim outras perspectivas simbólicas e históricas das identidades plurais, porque conforme ressalta Clarice, haverá sempre uma incompreensão aguda de si e do outro. Em uma visão mais imediata as subjetividades estarão sempre marcadas pela heterogeneidade, e como organismos vivos nunca estarão fixos, homogêneo, como sempre postulou o pensamento ocidental através do jogo binário de tentar conformar o mundo. Assim, Clarice Lispector faz-nos repensar as posições históricas, políticas, culturais, sociais e identitárias através de seus personagens que cada vez mais parecem assumir posições discursivas delineando traços díspares e um eterno **dever**, pois, segundo enfatiza Stuart Hall:

Acredito, entretanto, que o que este descentramento exige – como a evolução do trabalho de Foucault claramente mostra – é não um abandono ou abolição, mas uma reconceptualização do “sujeito”. É preciso pensá-lo em sua nova posição – deslocada ou descentrada – no interior do paradigma. Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da identificação, caso e prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política *de exclusão que essa subjetivação parece implicar – volta a aparecer* (HALL, 2014, p. 105).

Desse modo, a marca mais evidente que veremos aqui como exemplificação a respeito das vozes subalternas na obra de Clarice Lispector é justamente quando a escritora colocar no centro de suas narrativas uma retirante nordestina ou mesmo um criminoso que foi assassinado com treze tiros. Portanto, a *corpora* desse trabalho é o romance ‘A hora da estrela’, último livro publicado por Clarice Lispector, no ano de 1977, e o conto ‘Mineirinho’.

Em síntese o romance ‘A hora da estrela’, narrado pelo narrador/personagem Rodrigo S. M., traz a história central de Macabéa, uma jovem alagoana de apenas 19

anos de idade. A personagem, que é órfã, foi criada por uma tia, que acaba por influenciar no comportamento e nas relações de mundo de Macabéa, tornando-a, por exemplo, supersticiosa. Macabéa migra do Nordeste para o Rio de Janeiro. Com uma infância difícil e pobre ela estudou pouco, mas fez um curso de datilografia e, por conta disso, conseguiu um emprego de datilógrafa. Quando sua tia morre, a personagem vai morar em uma pensão com outras mulheres. Dali em diante a narrativa amplia a nossa compreensão a respeito de alguns aspectos subjetivos de Macabéa, entre essas questões podemos destacar o seu gosto por coca-cola e o entretenimento por escutar o rádio relógio, que tinha tomado emprestado. Essas são algumas marcas de sua subjetividade. Ela começa a namorar Olímpico, que também é nordestino, e por ter cometido um assassinato fugiu para o Rio de Janeiro. A relação é rompida quando Olímpico troca Macabéa por uma colega dela. É, no entanto, a partir dessa relação amorosa que Clarice Lispector consegue evidenciar ainda mais o modo de olharmos o outro e compreendermos as incompletudes sócio-históricas que perpassam a formação dos sujeitos, enquanto seres de ações sociais e culturais, e faz justamente o que ressalta Spivak, ao dizer que: “a tão difundida crítica ao sujeito soberano realmente inaugura um Sujeito” (SPIVAK, 2010, p. 25). Portanto, Clarice faz com que Macabéa seja ora parte de uma desconstrução discursiva de sujeitos estereotipados, marginalizados, e sem vozes dentro do escopo estrutural homogeneizador; ora faz com que sua personagem descentralize a noção de sujeito estático, homogêneo e dotado de uma essência. Assim, como a própria Clarice, Macabéa é nômada, e esse movimento torna-as e nos torna sujeitos marcados pelas diferenças, que têm os seus **lócus de enunciação**, ou como a própria Clarice Lispector ressalta, ao enfatizar que:

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou, pelo menos, não era apenas isso. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias (LISPECTOR, 1999, p. 12).

Note-se nesse fragmento que a escritora conscientemente esboça uma crítica a respeito das formações discursivas que recreiam esteriótipos e silenciamentos - **As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam** – e,

assinala o poder da linguagem como processo que amplia os sentidos, as representações simbólicas e sustenta as relações de poder.

Em 'A hora da estrela' a escritora Clarice Lispector flexibiliza o ser, e Macabéa, ou Maca como era conhecida à personagem central do livro, rompe paradigmas e arbitrariedades em torno do processo de subalternidade. Mesmo com todo esforço de Rodrigo S. M. narrar a história de Macabéa, percebe-se de imediato que o fluxo narrativo é incompleto, como são os seres humanos, em suas mobilidades e plurissignificações. Dessa forma, o ato de narrar a história de Macabéa e de dar voz a ela, nos diálogos diretos e indiretos, torna o romance 'A hora da estrela' um dos espaços em que o subalterno pode sim falar.

Mineirinho e os tiros que gritam esgaçam a subalternidade

É no conto o 'Mineirinho', contudo, que Clarice Lispector desenvolve uma variante mais profunda e crítica em torno de um personagem historicamente subalternizado pela relação de poder e dominação, trazendo à tona o que Spivak (2010) denomina de valorização da experiência concreta do oprimido. Mineirinho é uma espécie de alcunha ou apelido do personagem central do conto. Conforme vimos, trata-se de um facínora, e é um homem, sobretudo, marcado pelas injustiças sociais em curso no país desde o início da colonização brasileira.

Em 'Mineirinho', Clarice Lispector parece atravessar pelo menos três processos interessantes. O primeiro deles é a angústia, como é possível percebemos logo nas primeiras linhas do conto, quando ela diz: "É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora" (LISPECTOR, 2016, p. 386).

A segunda questão é o procedimento irônico que a linguagem possui, permeada sobremaneira pelo senso de justiça, amor, morte e redenção ao mesmo tempo, como por exemplo, quando a narradora diz que Mineirinho se salvou e entrou no céu, e diz que o que levou a isso foi à proteção do corpo e da vida, postulada nos mandamentos de Deus. Mas, é no processo de incompreensão que a narradora do conto 'Mineirinho' expõe algumas interpretações subjetivas do outro que foi marginalizado historicamente por diversos fatores, e que viu a sua própria condição

humana sendo desumanizada. Nesse sentido, ressalta Clarice Lispector que: “dormimos e falsamente nos salvamos” (LISPECTOR, 2016, p. 387).

O conto ‘Mineirinho’, narrado em primeira pessoa, traz a história de um homem – facínora – que foi assassinado com treze tiros, e que com isso provoca um desassossego existencial na narradora. A fluidez da narrativa é marcada por todos os tiros. É como se cada um deles fosse atingindo os sentimentos de vingança, justiça, amor, ódio, solidão e, principalmente compaixão e fizesse com que Clarice Lispector, diante de nossos olhos, humanizasse a condição de subalternidade a que foi submetido Mineirinho. Assim, a escritora expõe a ambiguidade em torno do conceito de maldade e justiça. O que segundo Clarice “nem mesmo a maldade de um homem pode ser entregue à maldade de outro homem” (LISPECTOR, 2016, p. 390).

Visivelmente em o ‘Mineirinho’ Clarice Lispector descentraliza a realidade histórica e identitária de si e do outro, e ao mesmo tempo questiona a representação e as formas de subjugação do outro. Nesse conto o processo de enunciação traz a realidade simbólica de muitos Mineirinhos. É também parte de uma estratégia capaz de atravessar criticamente a postulação estereotipada, não só de Mineirinho, mas de várias pessoas que se encontram em posições sócio-históricas de subalternidade. Esse processo de resvalação de si e do outro, não acontece de maneira dissimulada no conto, pois, a narradora afirma que a vida de Mineirinho, por exemplo “é a mesma que em mim faz com que eu dê água a outro homem, não porque eu tenha água, mas porque, também eu, sei o que é sede” (LISPECTOR, 2016, p. 388). A sede como metonímia estabelece um jogo de representação e desconstrução simbólica de si e do outro. Nessa medida, rasura o procedimento normativo estabelecido pela relação hegemônica de poder e textualidade, fazendo com que as identidades/identificações não estejam reduzidas a relação dicotômica, mas fazendo operar o que Spivak (2010) caracteriza como uma espécie de cadeia descontínua de insurgências.

Clarice Lispector leva-nos a compreender a força política e social que tem a palavra e seus significantes atravessados pela representação e a ação. Ela faz com que essa força enunciativa possa trazer à tona a marcação das diferenças identitárias, ou de **identificação** como prefere Stuart Hall (2014), justamente quando consolida, dentro de um projeto estético, as ambiguidades de subalternizados, que mesmo em condições socialmente adversas deslocam e interrogam a suposta homogeneidade.

A partir do poder simbólico dos treze tiros que assassinaram Mineirinho, Clarice Lispector reelabora o processo performático de si mesma e do outro, sempre atravessados pelo que há de mais insólito, pois segundo Hugo Achugar: “Os outros nos falam. Na realidade, sempre se pode dizer que há um Outro que nos fala e que, por sua vez, o Outro fala em outros Outros” (ACHUGAR, 2006, p. 20), e essa multiplicidades de Outros abrem irremediavelmente as concepções heterogêneas em torno do ser.

Entre Mineirinho e Macabéa há uma intersecção de muitos pontos em comum, pois, ambos introduzem dentro do discurso e das relações de poder, que historicamente os tornaram subalternos, a marcação da diferença como valor, a partir da heterogeneidade e de suas identidades/identificações. Em todo caso, mesmo pertencentes à mesma classe, os dois personagens assinalam suas condições intrínseca, e não deixam de serem maneiras de denunciar, interrogar e problematizar o projeto essencialista. Além disso, os dois assinalam suas condições de sujeitos históricos, culturais e sociais. Só que diferente de Mineirinho, a personagem Macabéa fala, no entanto, é preciso enfatizar que mesmo sem falar, por estar sendo narrado o tempo todo, Mineirinho faz falar, e isso de alguma maneira é o incomodo essencial e necessário dentro da premissa da heterogeneidade.

Nessa perspectiva, os corpos e as sentimentalidades desses dois personagens ocupam lugares que promovem incessantemente interrogações no que antes era compreendido como a formação de sujeitos indivisíveis. Uma vez que, Mineirinho e Macabéa assumem posições dentro do que Spivak (2010) denomina de indivíduo vocal, ao mesmo tempo em tornam visível as problemáticas do projeto de poder hegemônico e totalizante que tentou e até hoje tenta silenciar a diferença.

Emblematicamente, nesse caso, tanto Mineirinho quanto Macabéa são representações simbólicas que possuem sentidos de ação, pois mesmo subalternizados historicamente, eles desorganizam a noção da identidade homogênea, e ambos possuem o que o narrador de ‘A hora da estrela’, a certa altura da narrativa diz, “a grandeza de cada um” (LISPECTOR, 1998, p. 86), pois, segundo Lispector “por isso nem mesmo a maldade de um homem pode ser entregue à maldade de outro homem” (LISPECTOR, 2016, p. 390), visto que o projeto hegemônico, por meio de uma violência epistêmica e sua noção falocêntrica do

mundo, violentou as margens e marginalizou, tentando tornar ausência, outros e outras seres humanos.

Por fim, é preciso destacar Mineirinho e Macabéa tiveram os destinos trágicos, que é outro ponto em comum. Ele assassinado e ela atropelada, o que também não deixa de ser um assassinato. Especificamente nesse caso, a morte de ambos, além de toda a fatalidade social que os cerca, é uma denúncia, trazendo da realidade dos subalternizados a morte como processo incessante de incômodo.

Considerações finais

Como foi possível constatar a escritura de Clarice Lispector criar as insurgências responsáveis por desconstruir esteriótipos, rasurando o suposto projeto hegemônico, tanto de poder quanto de discurso textual. Clarice faz com que sua escritura possua em si mesma o **sentido da existência**⁵, como bem definiu o filósofo Benedito Nunes, e, principalmente a marcação da diferença como valor e poder. A escritora avança e interroga o processo falocêntrico do mundo, como quem só porque entendeu, aprendeu a desorganizar, como ela mesma enfatiza no conto 'Mineirinho'. Pois, mesmo intensamente introspectivos, tanto o romance 'A hora da estrela' como o conto 'Mineirinho' são dois exemplos simbólicos em que Clarice Lispector põe as vozes narrativas exatamente no lugar a que Susan Sontag denominou de **Diante da dor dos outros**⁶. Só que nesse processo Clarice traz os outros marcados pelas suas heterogeneidades e subjetividades. São sujeitos históricos, sociais e culturais, que estão ao mesmo tempo dentro e fora, presente e ausente, porque suas subjetividades não são fixas.

Dessa forma, a escritora não impõe valores de verdades absolutas sobre os outros. Porque o seu eu e os outros conduzem e condizem poderes simbólicos diferentes, e estão incessantemente resignificando o mundo. Assim, Clarice expõe visões sensíveis de si e dos outros. Contribui para ampliar as significações em torno

⁵ NUNES, B. O mundo imaginário de Clarice Lispector. *In*: NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. 3. ed. São Paulo. Editora 34, 2009. p. 94.

⁶ **Diante da dor dos outros** é o título de um ensaio sistemático de Susan Sontag a respeito da fotografia, aprofundando principalmente uma ampla reflexão sobre as relações entre notícia, arte e compreensão na representação dos horrores da guerra, da dor, da catástrofe e o poder que a imagem fotográfica possui.

de personagens que foram historicamente invisibilizados e silenciados, como por exemplo, Mineirinho e Macabéa.

As literaturas produzidas por Clarice Lispector possuem uma linha tênue, que é capaz, sobretudo, de desapaziguar as múltiplas maneiras de compreendermos a vida, mesmo quanto essa vida é também morte, como vimos. Há, em todas as suas obras o que podemos denominar de infinitas pontes do nosso tempo, que acabará por resultar também em todos os tempos. De tal modo que quando um subalterno fala, como no caso de Mineirinho ou mesmo no de Macabéa, de 'A hora da estrela', há um rompimento histórico e o esgarçamento dos processos de silenciamentos a que foram submetidos diversos sujeitos. Nas literaturas de Clarice Lispector esses sujeitos, mesmo quando são falados, eles falam, e suas subjetividades estão revertidas de valores e poder.

É como se Clarice Lispector soubesse conduzir **perto do coração selvagem** todas as **via crucis do corpo**.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais – ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. São Paulo. Editora Senac, 2002.

ACHUGAR, H. **Planeta sem Boca – escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura**. Belo Horizonte/MG. Editora UFMG, 2006.

CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2016.

HALL, S. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. 14^o ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2014.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

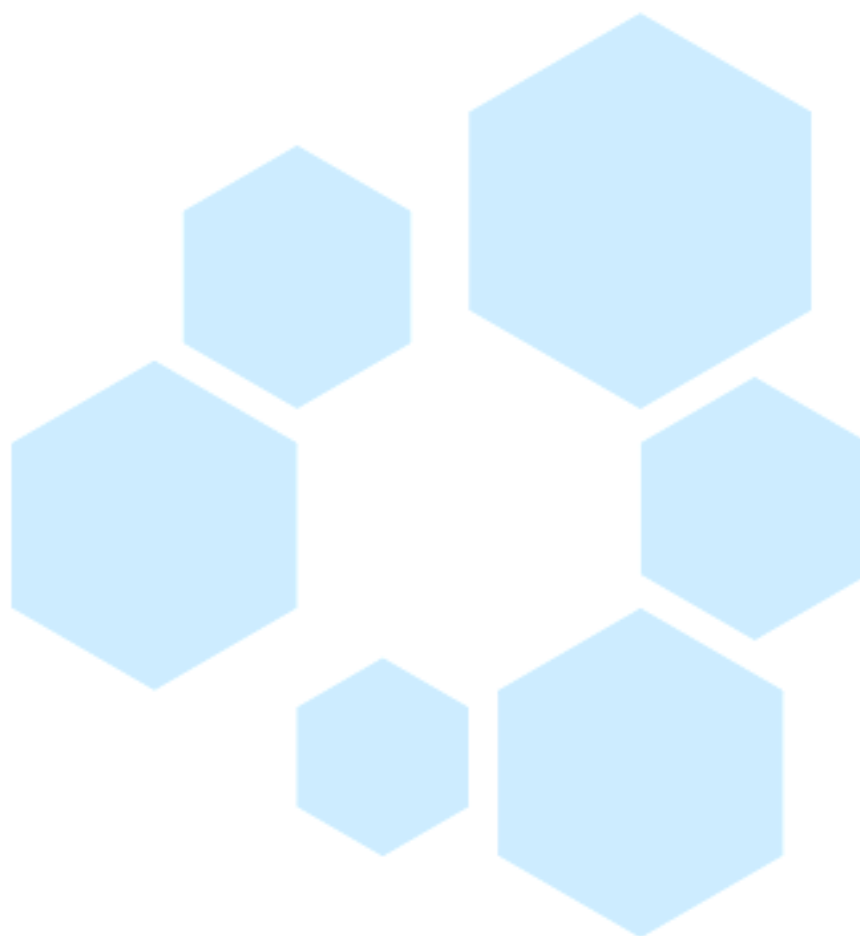
LISPECTOR, C. **A via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro. Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Org. Benjamin Moser. Rio de Janeiro. Rocco, 2016.

NUNES, B. **O dorso do Tigre**. 3º ed. São Paulo. Editora 34, 2009.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.



Recebido em 12 de agosto de 2020
Aprovado em 23 de novembro de 2020